



A REFORMA TERESIANA EM PORTUGAL

CONGRESSO
INTERNACIONAL

ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS

«A REFORMA TERESIANA EM PORTUGAL»

CONGRESSO INTERNACIONAL

2015

No V Centenário do Nascimento de Santa Teresa de Jesus – 1515-2015

TÍTULO

«A Reforma Teresiana em Portugal» - Congresso Internacional, 2015

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Joaquim Teixeira, ocd

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Carlos Margaça Veiga, Univ. Lisboa; Gianpaolo Romanato, Univ. Pádua; † Jeremias Carlos Vechina, ocd; Joaquim Teixeira, ocd; José Carlos Vechina, ocd; Nair Soares de Castro, Univ. Coimbra; Sandra Molina, Univ. Ribeirão Preto; Solange Araújo, Univ. Federal da Bahia; Virgolino Jorge, Univ. Évora e Vitor Serrão, Univ. Lisboa

ASSISTÊNCIA À EDIÇÃO

José João Loureiro

PAGINAÇÃO & DESIGN

Pedro Tavares, ocds e Renato Pereira, ocd

IMAGEM DA CAPA

Santa Teresa de Jesus, Fundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços
Autor desconhecido, escola portuguesa, óleo sobre tela, 2ª metade do séc. XVIII,
Museu Diocesano de Santarém, foto João Nunes da Silva.

EDIÇÃO

Edições Carmelo
Convento de Avesadas, Apartado 141
4630-909 Marco de Canaveses, Portugal
editorial@carmelo.pt

ANO: 2017

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-972-640-156-8

© Autores e Edições Carmelo.

Os artigos, imagens e norma ortográfica utilizada são da responsabilidade dos autores.

APOIOS



EMBAIXADA DE
ESPANHA
EM PORTUGAL



ACADEMIA
PORTUGUESA DA
HISTÓRIA



CÂMARA MUNICIPAL
DE ÉVORA



ÍNDICE

EMISSÃO FILATÉLICA COMEMORATIVA DO V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SANTA TERESA DE JESUS.....	7
COMISSÕES.....	15
PROGRAMA DO CONGRESSO.....	17
JOSÉ JOÃO LOUREIRO	
CRONOLOGIA DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL (1581 - 2016).....	23
JOAQUIM TEIXEIRA, ocd	
INTRODUÇÃO	31
EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA DO PE JEREMIAS CARLOS VECHINA	35
JEREMIAS VECHINA, ocd	
CARISMA DO CARMELO TERESIANO	37
PAULA ALMEIDA MENDES	
«ESPELHOS» DE SANTA TERESA DE JESUS. A ESCRITA, A TRADUÇÃO E A LEITURA DAS «VIDAS» TERESIANAS EM PORTUGAL (SÉCULOS XVII-XVII)	71
JOSÉ FILIPE P. M. SILVA	
DE AMOR E DE DOR: UMA ANÁLISE TEO-FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA MÍSTICA DE SANTA TERESA E SEUS ENSINAMENTOS PARA A CRISTANDADE CONTEMPORÂNEA	81
JOANA SERRADO	
SEQUEDADES EM TERESA DE JESUS E SUA DISCÍPULA PORTUGUESA, JOANA DE JESUS	89
LUIS JAVIER FERNÁNDEZ FRONTELA, ocd	
EL CARMELO DESCALZO DEL CARISMA A LA INSTITUCIONALIZACIÓN.....	97
CARLOS MARGAÇA VEIGA	
A ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS: MOLDAGEM À REALIDADE PORTUGUESA.....	127
LEONOR CALVÃO BORGES E MARIA DE LOURDES CALVÃO BORGES	
A COMUNIDADE DO CONVENTO DOS CARDAES DE LISBOA: ESTUDO PROSOPOGRÁFICO	141

ARTUR VILLARES

CARMELITAS E TERESIANAS EM PORTUGAL ENTRE A MONARQUIA E A REPÚBLICA..... 157

SOLANGE ARAÚJO

CONVENTO DE SANTA TERESA DE ÁVILA EM SALVADOR – INSERÇÃO, TIPOMORFOLOGIA
E PATRIMÓNIO..... 167

MIGUEL PORTELA

UMA ARQUITECTURA PARA A ORAÇÃO: OS CLAUSTROS DOS CONVENTOS DOS
CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL (SÉCULOS XVI-XVII) 183

TERESA DE CAMPOS COELHO

O ARQUITECTO JOÃO NUNES TINOCO (C. 1616-1690) E A SUA ACTIVIDADE JUNTO
DOS CARMELITAS DESCALÇOS..... 201

MARIA DO CÉU TERENO, MARÍZIA PEREIRA E ANTÓNIO TERENO

HIDRÁULICA DE CONVENTOS CARMELITAS DESCALÇOS EM ÉVORA: CONVENTO
DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS E CONVENTO DE SÃO JOSÉ DA ESPERAÇA..... 213

JOÃO PEDRO MONTEIRO

O FRONTAL DE ALTAR CARMELITA NO CONTEXTO DA AZULEJARIA PORTUGUESA
DO SÉC. XVII 231

CELSO MANGUCCI, CÁTIA RELVAS, MARGARIDA NUNES,
ANTÓNIO CANDEIAS, JOSÉ MIRÃO E TERESA FERREIRA

ANÁLISE DE PASTAS CERÂMICAS E VIDRADAS DOS AZULEJOS DO FRONTAL DE ALTAR
DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS DE ÉVORA 249

LÚCIA MARINHO

SANTA TERESA DE JESUS NA AZULEJARIA PORTUGUESA..... 263

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

CULTURA E CIÊNCIA: FORMAÇÃO INTEGRAL E ESPIRITUALIDADE,
UM CAMINHO DE PERFEIÇÃO, NO SÉCULO XVI..... 279

NATÁLIA NUNES

O CASTELO INTERIOR DE SANTA TERESA DE ÁVILA E A CONFERÊNCIA DAS
AVES DE ATTAR: O MODELO DO CAMINHO ESPIRITUAL NA MÍSTICA SUFI E CRISTÃ 309

MARÍZIA PEREIRA, MARIA DO CÉU TERENO E ANTÓNIO TERENO

BOTICAS DOS CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL - ESPÉCIES VEGETAIS
E FITOGEOGRAFIA 325

FILIFE GONÇALVES TEIXEIRA

O DESERTO DO BUÇACO: PAISAGEM DO SAGRADO
A HERANÇA DOS CARMELITAS DESCALÇOS 345

GIANPAOLO ROMANATO

MISSIONI, ISTITUZIONI E CULTURE. ROMANIZZAZIONE E INTERNAZIONALIZZAZIONE
DELLA CHIESA CATTOLICA IN ETÀ CONTEMPORANEA 363

NUNO FALCÃO

AS CHAVES E A ESPADA: A MISSÃO NAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE
O REINO DO CONGO E A SANTA SÉ (1583-1607)..... 373

SANDRA MOLINA

A POLÍTICA DA COROA PORTUGUESA E DO IMPÉRIO DO BRASIL PARA AS ORDENS
RELIGIOSAS EM TERRAS BRASILEIRAS: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPULSÃO
DOS CARMELITAS DESCALÇOS DE SALVADOR (1750-1839) 389

MARIA HELENA QUEIRÓS

D. FR. LUÍS DE SANTA TERESA: DE MODELO DE RELIGIOSO JACOBEO ÀS VICISSITUDES
DE UM REFORMADOR RIGORISTA EM OLINDA (PERNAMBUCO) 397

ISABEL BASTOS

ICONOGRAFIAS DE SANTA TERESA DE ÁVILA COMO ESPOSA MÍSTICA 411

ADALGISA ARANTES CAMPOS

REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE SANTA TERESA D'ÁVILA NO CONTEXTO
DAS MINAS DOS SÉCULOS XVIII A XIX, NO BRASIL 421

JOAQUIM TEIXEIRA, ocd

RESTAURAÇÃO DA PROVÍNCIA E ATUALIDADE: PORTAS ABERTAS PARA OUTRAS
LINHAS DE INVESTIGAÇÃO 441

CONTRIBUTOS

JOSÉ JOÃO LOUREIRO

AS ARMAS DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS (BREVE APONTAMENTO) 447

A MÃO DA SANTA MADRE TERESA DE JESUS 451

MARCO SOUSA SANTOS

A PROVÍNCIA CARMELITA DESCALÇA DE PORTUGAL NUM ATLAS DE 1739 459

CONTACTOS DOS AUTORES..... 471

HIDRÁULICA DE CONVENTOS CARMELITAS DESCALÇOS EM ÉVORA
– CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS
E MOSTEIRO DE SÃO JOSÉ DA ESPERANÇA

MARIA DO CÉU SIMÕES TERENO

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA - UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MARÍZIA M. D. PEREIRA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO - UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ANTÓNIO VITORINO SIMÕES TERENO

HISTORIADOR

Resumo:

Évora integra no núcleo amuralhado, um conjunto de casas religiosas, pertencentes a múltiplas ordens, de notável qualidade arquitetónica.

A Província Portuguesa da Ordem dos Carmelitas Descalços data de 1612, momento em que ocorreu a separação entre os conventos portugueses e os da Baixa Andaluza, dotando Portugal de uma “província”. Na cidade de Évora, localizam-se dois conventos: o Convento de Nossa Senhora dos Remédios (1606), e o Convento de São José da Esperança (1681), também conhecido por Convento Novo, um masculino e um feminino.

O presente trabalho irá centrar-se nesses dois conventos, no estudo da sua evolução diacrónica, nos aspetos funcionais e vivenciais dos espaços que os compõem, e no acervo patrimonial que integram. Um dos aspetos de interesse, porquanto primordial no funcionamento de uma comunidade autónoma, consistia na forma como as duas casas religiosas eram abastecidas de água.

Ao convento feminino foi concedida, em 1694, a primeira porção de água do Aqueduto da Água da Prata, e como consequência do natural crescimento da população residente neste convento, foi posteriormente autorizada nova pena de água.

O Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, por se situar em local com abundância de água, teve necessidade de abastecimento mais próximo através do referido aqueduto e da lagoa situada em local adjacente.

Palavras-chave: Conventos Carmelitas Descalços; património; espaços vivenciais; hidráulica.

Abstract:

Évora integrates into its walled center, a set of religious houses, belonging to multiple orders of remarkable architectural quality.

The Order of the Portuguese Province of the Carmelitas Descalços dates from 1612, time of occurrence of the separation between the Portuguese convents and Lower Andalusia, giving to Portugal a “province”. In the city of Évora, there are located two convents: the Convent of Nossa Senhora dos Remédios (1606) and the Convent of São José da Esperança (1681), also known as Convento Novo, a male and a female one.

This paper will focus on these two convents in the study of their diachronic evolution in functional and experiential aspects of spaces that were lived by the monks and nuns, and the assets that they integrate. As one of the aspects of interest, because the primary operation of an autonomous community, will be pointed out to how the two religious houses were supplied with water.

The female monastery was granted the first water portion, in 1694, from the Aqueduto da Água da Prata, and as a result of natural growth of the population living in this monastery, was later authorized new worth of water.

The Convent of Nossa Senhora dos Remédios de Évora, since was situated in a location with plenty of water, had need for closer supply maybe through that aqueduct and the lagoon located in location adjacent.

Keywords: Carmelitas Descalços Convents; heritage; experiential spaces; hydraulics.

1. Introdução

A Ordem do Carmo surgiu em finais do século XI, na região do Monte Carmelo (ordem católica cuja designação inicial era Ordem dos Carmelitas), circunscrito nas proximidades da cidade de Haifa, pertencente atualmente ao Estado de Israel.

O Patriarca de Jerusalém, Santo Alberto (c. 1149-1214), propôs a sistematização de uma Regra para a Ordem do Carmo, cerca de 1209. A sua aprovação sucedeu em 1226, com o Papa Honório III (?-1227). No século XIII, em consequência das invasões árabes, os religiosos migraram para o Ocidente.

No século XVI, em Espanha, Santa Teresa de Ávila (1515-1582) e São João da Cruz (1542-1591) procederam à Reforma Carmelita, recuperando o carisma da Ordem do Carmo. Com este processo surgiu um novo ramo, o dos Carmelitas Descalços¹, onde é restaurada a observância pela austeridade e pela vida contemplativa, inscrita nos hábitos iniciais.

A Província Portuguesa da Ordem dos Carmelitas Descalços data de 1612, momento em que ocorreu a separação entre os conventos portugueses e os da Baixa Andaluzia², dotando Portugal de uma “província”³.

Évora integra no núcleo amuralhado, um conjunto de casas religiosas, pertencentes a múltiplas ordens, de notável qualidade arquitetónica.

Na cidade de Évora, localizam-se dois conventos desta Ordem: o Convento de Nossa Senhora dos Remédios (1606), e o Convento de São José da Esperança (1681), também conhecido por Convento Novo, sendo o primeiro destinado a frades, e o segundo a freiras.

O presente trabalho procurará centrar-se nesses dois conventos, no estudo da sua evolução diacrónica, nos aspetos funcionais e vivenciais dos espaços que os compõem, e no acervo patrimonial que integram. Um dos aspetos de interesse, porquanto primordial no funcionamento de uma comunidade autónoma, consistia na forma como as duas casas religiosas eram abastecidas de água.

2. Convento de Nossa Senhora dos Remédios

Após algumas eventualidades que demoraram a fundação deste convento em Évora⁴ vieram alguns religiosos da Ordem dos Carmelitas Descalços, dando início ao primeiro convento no século XVI⁵ em consequência da reestruturação da Ordem do Carmo⁶. Construído em sítio contíguo ao recinto amuralhado, tendo como edifício fronteiro a torre de menagem⁷ das Portas de Alconchel⁸ em

¹ Em latim: *Ordo Carmelitarum Discalceatorum Secularum*.

² Remonta a 1773 a separação definitiva da congregação espanhola, ocorrida em consequência de um Capítulo Provincial com vigor de Geral, em que foi nomeado o primeiro Prior Geral da Congregação da Beatíssima Virgem Maria do Monte Carmelo do Reino de Portugal.

³ A Província sob a invocação de S. Filipe Néri (1515-1595), em homenagem ao Rei D. Filipe II de Espanha (1527-1598), Filipe I de Portugal, e à dinastia filipina, recém-instaurada no governo de Portugal.

⁴ José Manuel QUEIMADO, *Alentejo Glorioso – Évora suas ruas e conventos*. Edição de autor: Évora, 1975, p. 156.

⁵ Pelo facto de funcionar sem alvará e licença real, foi decretado que os frades abandonassem o convento. Esta decisão foi revogada devido a uma sublevação popular que não concordava com o decreto por o achar injusto.

⁶ A Ordem instalou-se em Évora sob a égide de Frei Balthazar LIMPO, em 1531. Padre Francisco da FONSECA, *Évora Gloriosa*, Oficina Komarekiana, Roma, 1728, p. 378

⁷ A este convento se refere o Padre Francisco da FONSECA, em obra citada como estando inserido num local aprazível e alegre, e a igreja magnífica, e o edifício: “[...] tão devoto, como asseado causando singular devoção, o silêncio, e a modéstia, que se vive no recinto destes claustros”. P. 378

⁸ Consultar a obra do Padre Francisco da FONSECA, *Évora Gloriosa*, *Op. Cit.*, p. 379. Este Padre refere que o Arcebispo D. Teotónio de Bragança conheceu pessoalmente S. Teresa de Ávila, com quem manteve correspondência, viu confirmada pela Sé apostólica a Reforma da religião carmelita, em 1562, ofereceu ao Arcebispo a possibilidade da fundação de dois conventos na cidade de Évora, um feminino e outro masculino. Após a concessão deste pedido em 1579, o arcebispo entendeu utilizar os meios disponíveis na fábrica da Cartuxa. Apenas em 1594, os religiosos entraram na posse da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios, localizada na Rua do Raimundo. Fr. Joseph de Jesus MARIA, *Chronica de Carmelitas Descalços Particular da Província de S. Filipe dos Reinos e Portugal, Algarve e suas Conquistas*. Lisboa: Na Officina de Bernardo António de Oliveira, 1753, Vol. III, Livro nono, capítulo XIX,

terrenos confinantes com o antigo Hospital dos Leprosos de S. Lázaro. Estas portas eram o principal elo de ligação da cidade com o exterior, local privilegiado de trânsito de pessoas e bens. O espaço que viria a ser ocupado pelo Convento encontrava-se livre de construções, no início do séc. XVI⁹.

O local de implantação era sítio de grande riqueza de água e de terrenos férteis, e permitia uma eficiente higienização¹⁰ dos espaços do complexo monástico, assim como um bom abastecimento de mantimentos à comunidade residente¹¹.

O Convento, dedicado a Nossa Senhora dos Remédios¹² é presentemente conhecido como Convento dos Remédios (Figs. 1 e 2), e deveu a sua fundação ao então Bispo de Évora, D. Teotónio de Bragança¹³. Foi Convento masculino da Ordem dos Irmãos Descalços de Nossa Senhora do Monte do Carmo (Carmelitas) - Província de São Filipe¹⁴. A igreja foi concluída no ano de 1614, tendo-se celebrado os 400 anos da sua sagração em 2014¹⁵ (Figs. 3, 4, 5 e 6).



Fig. 1 – Vista do Convento dos Remédios.

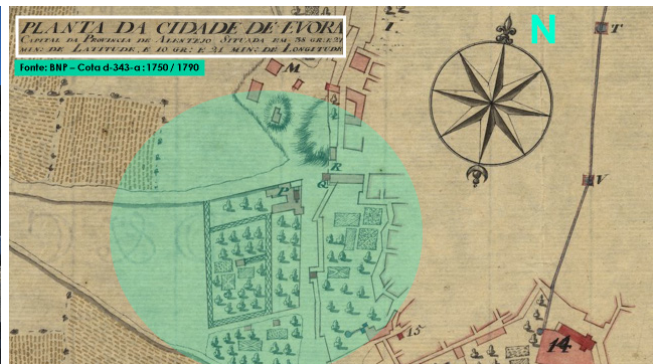


Fig. 2 – Implantação do Convento dos Remédios, numa planta situada entre 1750-1790.
(Fonte: BNP)

n.º 840, p. 779; ainda, António Francisco BARATA, *Évora Antiga – Notícias recolhidas com afanosa dilligencia em favor dos asylos de Infância desvalida e Ramalho-Barahona*. [s.l.]: Minerva Comercial, 1909, p. 40.

⁹ Como se poderá observar ao consultar o Foral de D. Manuel I (1469-1521) atribuído a Évora em 1501.

¹⁰ Não será despreciada a memória oral que guardavam dos surtos de Peste, havidos em períodos episódicos (1569, 1579-1580, e 1598-1602), embora ainda houvesse memória geral da Peste Negra, de 1384. As questões de higiene assumiam um caráter de “saúde pública” que deviam ser observadas com rigor.

¹¹ A cisterna existente no subsolo do claustro abastecia de água a cozinha, o lavabo e a latrina. Presentemente ainda se mantêm no claustro, assim como a nascente situada próxima, e cuja água era canalizada até ao convento sobre arcaria.

¹² P. Fr. Belchior de S. ANNA, *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas conquistas [...] / Lisboa: Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657, Vol. 1, Livro segundo, capítulo XIX, 393 pp, p. 338.*

¹³ Esta fundação não aconteceu de modo pacífico por parte da comunidade eborense de Carmelitas, que habitara até então pequeno e humilde conjunto edificado situado ao fundo da Rua do Raimundo, em Évora. A sua instalação em espaço exterior às muralhas foi conturbada, e só concretizada através de fortes pressões, quer da Igreja, quer da Ordem a que pertenciam. No ano de 1606, a comunidade habitava já as novas dependências, que lhe eram destinadas. Quanto à igreja do convento foi sagrada oito anos após a forçada mudança dos frades. Fr. Joseph de Jesus MARIA, *Chronica de Carmelitas Descalços Particular da Provincia de S. Filippe dos Reinos e Portugal, Algarve e suas Conquistas*. Lisboa: Na Officina de Bernardo António de Oliveira, 1753, Vol. III, Livro nono, capítulo XIX, n.º 840, pp. 779-780.

¹⁴ “De como o Convento de Évora se mudou da porta do Reymondo, onde estava, pra o sítio que agora tem: e chegou ao estado em que está.” in P. Fr. Belchior de S. ANNA, *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas conquistas... / Lisboa: Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657, Vol. 1, Livro segundo, capítulo XIX, 530 pp., p. 465.*

¹⁵ Data que se encontra inscrita no florão existente no intradorso da nave central da igreja. A Igreja foi sagrada em 1614, com a presença de D. José de Melo, novo prelado da diocese. Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora*, VII, 1.º vol., Academia Nacional de Belas-Artes. Lisboa: [s.e.], 1966, p. 314, e Túlio ESPANCA *Património Artístico Municipal: Convento de Nossa Senhora dos Remédios*, in “A Cidade de Évora”, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, n.º 5, Dezembro de 1943, p. 80.



Figs. 3, 4, 5 e 6 – Vistas da fachada da Igreja do convento e do seu interior.

O cenóbio integrando já a Ordem Reformada dos Carmelitas regia-se por princípios muito austeros, impregnados de pobreza e despojamento, tal como estava estatuído na regra¹⁶.

A Igreja e o Convento de Nossa Senhora dos Remédios¹⁷ foram construídos no início do século XVII, sob a proteção do então arcebispo D. Teotónio de Bragança. A planta do conjunto foi elaborada sob a responsabilidade do arquiteto Francisco de Mora.

Este conjunto implantou-se num local de pouco declive, tendo como cerne da sua orientação a igreja, inserida no sentido Sudeste/Noroeste, situando-se o claustro a Sudeste. Confinante a este situava-se a ala dos frades, que incluía também a Sala do Capítulo, o refeitório e a escada “regular” de acesso ao dormitório, subdividido este em celas.

Na ala Sudoeste localizava-se o calefatório, adjacente ao qual se situava a sala dos frades, o refeitório e a cozinha.

A ala de leitura, correspondente à galeria claustral e que permitia a ligação direta à igreja, situava-se a Noroeste. Também a Noroeste do claustro se inseria a ala dos “moços”, que integrava a sala de “aula”, a portaria, a enfermaria, o refeitório, a escada de acesso ao dormitório e dependências para armazenamento de víveres. No alçado posterior do altar-mor da igreja, e na sequência da ala claustral dos monges, situava-se a sacristia, assim como a capela mortuária, instituída por um dos benfeitores da casa e que ainda se encontra conservada na íntegra (figs. 7,8 e 9).

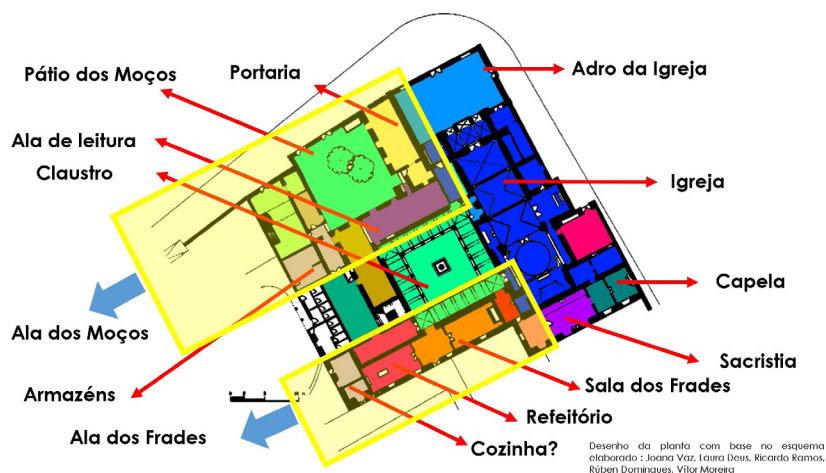


Fig. 7 – Planta do rés-do-chão com a distribuição provável dos espaços no Convento dos Remédios.

¹⁶ P. Fr. Belchior de S. ANNA, *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da provincia de S. Filipe do Reyno de Portugal, & suas conquistas...* / Lisboa: Na Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657, Vol. 1, Livro segundo, capítulo XIX, p. 344.

¹⁷ Este conjunto encontra-se em vias de classificação. Foi publicado no DR, 2.ª série, n.º 44, o Anúncio n.º 82/2013 de 4 de março, relativo à abertura do procedimento de classificação da Igreja, Convento de Nossa Senhora dos Remédios e o pórtico proveniente do demolido antigo Convento de São Domingos.

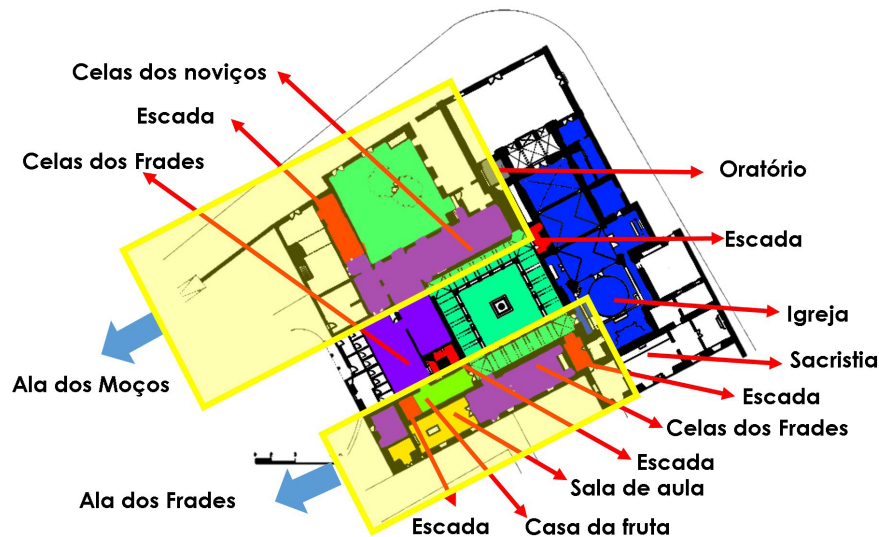


Fig. 8 – Planta do primeiro piso com a distribuição provável dos espaços no Convento dos Remédios, elaborada com base na planta do projeto de ampliação do Convento de 1719.

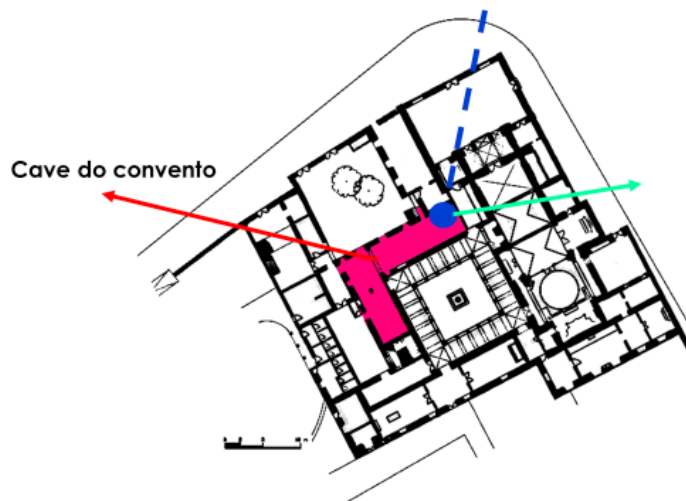


Fig. 9 – Planta da cave com a distribuição provável dos espaços no Convento dos Remédios.

O convento estava envolvido nos seus lados Sudoeste e Sueste pela cerca de grandes dimensões, usufruindo esta das ligações com o espaço público a Noroeste, local de conexão com o eixo principal de acesso à cidade amuralhada. Entre 1614 e 1833 este conjunto cenobita desempenhou ininterruptamente a sua função de casa religiosa masculina.

Devido às necessidades sentidas pelo aumento da comunidade conventual, foram introduzidas alterações resultantes da necessidade de dar resposta a novos programas ocupacionais, encontram-se documentadas em planta referente ao piso superior do complexo edificado, então existente. A elaboração desse projeto teve como objetivo a construção de um novo dormitório no referido piso¹⁸. Esta planta integra legendagens, por ela dispersas, permitindo uma mais fácil atual correspondência e identificação dos espaços¹⁹: «Vão da Igreja; vão do saguão do alpendre; oratório sobre a portaria; vão do pátio dos moços; vão da hospedaria; vão do claustro, cazas para as fructas; caza da Aula; telhado do dormitório detraz da capela-mor e da Livraria.».

¹⁸ A legendagem que acompanha a referida planta é explícita relativamente, quer aos compartimentos já existentes quer aos propostos para esse piso. O teor do texto é o seguinte, agora transcrito em caligrafia atualizada: “Planta alta para o dormitório que se determina fazer no Convento de Carmelitas Descalços de Nossa Senhora dos Remédios de Évora Cidade, a qual planta mostra todo o Convento que caminha ao nível da casa que já está feita e serve há muitos anos. – Fr. Pedro da Conceição Carmelita Descalço.”

¹⁹ O deferimento do proposto na planta consta igualmente na peça, assim como o nome do responsável pelo ato decisório: “Aprovada com consentimento dos quattros padres ministros. Carnide, 9 de Fevereiro de 1719. Fr. António de Santo Eliseu, Comissário geral.”

O espírito austero subjacente aos princípios da Ordem estão plasmados na simplicidade, na linearidade e no rigor das formas e materiais empregues (Figs. 10, 11 e 12).



Figs. 10, 11, 12 e 13 – Vistas do claustro do convento da sua fonte e da entrada da cisterna.

Depois da exclausuração das ordens religiosas a cerca passou a ter as funções de cemitério municipal.

3. Convento dos Remédios – abastecimento de água

O abastecimento de água ao Convento de Nossa Senhora dos Remédios foi solicitado através de uma licença instada a El-Rei²⁰ pelos frades do mesmo (figs. 13,14,15 e 16).



Figs. 14, 15 e 16 – Vista da cisterna, de um dos sumidouros do claustro e de um conjunto de azulejos que se encontravam colocados numa parede da cave do convento, mas truncados.
(Esta fotografia é de Túlio Espanca.)

No alvará emanado pelo Rei é concedida uma medida de água para utilização do convento em 1619²¹. Túlio Espanca refere²² que “foi doado ao mosteiro um anel de água da Prata, concessão feita

²⁰ “Liª pª a agoa da prata vir a este Conv.º “Eu El-Rei faço saber aos que este Alvara virem, que o Prior e Religiosos do Mosteiro de nossa Snora do Carmo+dos descalço+(na soberlinha)da Cidade de Evora me enviaraõ dizer per sua petiçaõque p+or serem muito pbres, e se sustentarem de esmolos e terem muita falta de agoa me pediraõ lhes fizesse merce, e esmola de hũ registo da agoa dos Canos da agoa da prata como o tem todos os Mosteiros de Religiosos e Religiosas, que há na dita Cidade. E da dita petiçaõmandei tomar informação pelo Corregedor da Comarca da ditaa Cidade, e que ouvisse os officiaes da Camrª della. E vista sua resposta, e a informação do Corregedor Ey por bem fazer merce por esmola aos ditos Religiosos, de hũ registo da agoa dos ditos canos do tamamnhõ do çircolo que està figurado na margem deste alvará, o qual registo se assentara na parte onde mais comoda ficar, para vir a agoa ao ditto Mosteiro, e conforme ao Regimento novo dos ditos canos, sem se alterar em cousa alguã. E mando ao ditto Corregedor e ao Provedor dos dittoa canos, que eles assistaõ ao por, e assentar do ditto registo para verem se assentou na forma do ditto Regimº. E os ditos Religiosos faraõ hũ termo em que assinaraõ o ditto Corregedor e Provedor, porque se obriguem a estarem, e comprirem em tudo o ditto Regimento. E este alvará se registrará no livro em que estão registados outros semelhantes, com a figura do ditto registo, o qual se comprirá como nelle se contem que vallerá como carta posto o efeito que o efeito delle aja de durar mais de hũ anno, sem embargo da ordenaçãõ encontrario. Joaõ feo o fez em Lisboa a nove de Janº de mil seicentos e dez. Diz a entrelinha, dos descalços. Duarte Correa o fez escrever. Alvª porque V. Mg.e m. ce aos Religiosos do Mosteiro de nossa Snora do Carmo da Cidade de Evora de hũ Registo de agoa dos Canos da agoa da prata, da ditaa Cidade como o tem os mais Mosteiros della pª V. Mg. Per Carta de S. M de 16 de Dez de 609.

Fica Registada no 1º registo desta Camera a f177 Evora 20 de Julho de 1694. Diogo de Mello Prª.” Livros das Obras deste Convento de N Srª dos remédios da Cid. De Evora Anno 1745.

²¹ Túlio ESPANCA, *Évora – Arte e história, Câmara Municipal de Évora*. [s.l.]: [s.e.], 1980, onde na p. 76 “No centro, ergue-se a fonte da água da Prata, de mármore branco, que foi inaugurada em 1619 por anel concedido pelo Rei D. Filipe II.”

²² Túlio ESPANCA, *Património Artístico Municipal: Convento de Nossa Senhora dos Remédios*, in “A Cidade de Évora”, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, n.º 5, Dezembro de 1943, p. 80.

por El-Rei D. Filipe III, de ligação por um pequeno aqueduto de arcaria, cujos canos se iniciavam na antiga fonte da lagoa, designação topográfica que passou a porta vizinha da cidade.” (Fig. 17).

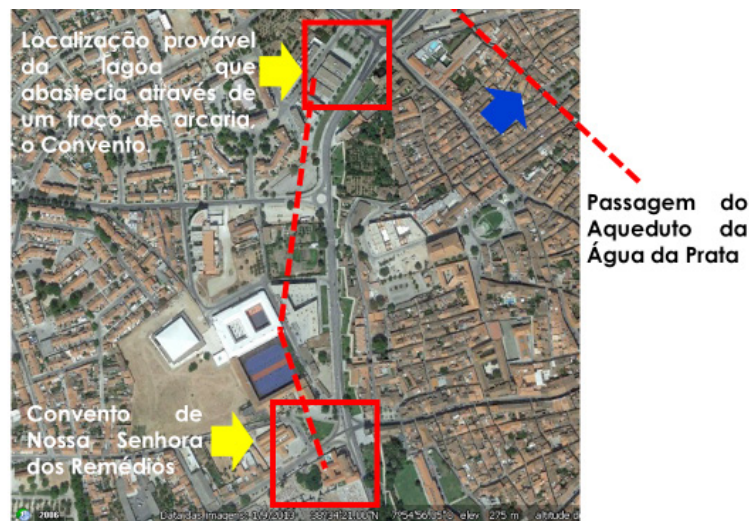


Fig. 17 – Localização provável da lagoa, às Portas do mesmo nome que abasteceria o Convento dos Remédios.

Mas deve salientar-se que ainda em inícios do século XX, existia em local fronteiro ao convento um conjunto de arcaria que serviria para o transporte de água, cuja proveniência era de local bastante próximo do convento²³, o que parece confirmar a afirmação de Túlio Espanca (Fig. 18).



Fig. 18 – Vista de inícios do século XX, em que é nítida a arcaria de abastecimento ao convento.

No Regimento do Aqueduto, porém, não se encontrou documento que fundamentasse esta afirmação, nem a chave correspondente a este convento, e também não constava da listagem de donatários de porções de água²⁴. Existiu um conjunto de azulejos, que tinham a seguinte inscrição não completa: “Este cano tem a boca defronte da Torre de Alconchelle é porelle [...]”. Infelizmente o resto da inscrição estava deteriorada e estava colocada num espaço existente na cave do Convento dos Remédios²⁵. Da inscrição resta uma fotografia antiga atribuída a Túlio Espanca e não datada²⁶ (Fig. 16). A existência deste painel de azulejos e o testemunho do Arqueólogo da C.M. Évora Dr. Panayotis Sarantanpoulos demonstram a existência, não apenas de um túnel, mas de água que era canalizada e encaminhada para o convento por via subterrânea²⁷. Sobre qual a proveniência dessa água, não podemos senão tirar ilações. Um outro aspeto que deve ser tido em consideração é o facto de a zona de implantação deste convento ser local de muita abundância de água, que porventura poderia ser suficiente para as necessidades do convento. Para tal a cerca do

²³ Em obras relativamente recentes realizadas num lote bastante próximo do convento a norte deste, a cave dos edifícios aí construídos tiveram de ser bombadas por se encontrarem completamente cheias de água.

²⁴ Não se conseguiu acesso à fonte referente à afirmação de Túlio Espanca, pelo que apenas podemos fazer fé nas suas palavras, inferindo da sua plausibilidade.

²⁵ O Arqueólogo Dr. Panayotis Sarantanpoulos prestou o testemunho de ter percorrido um corredor, nos finais da década de 80 do século XX, cujo acesso tinha outrora colocado na parede esse conjunto de azulejos já mencionados, que foram removidos (desconhecendo-se o seu paradeiro) e que deram lugar a um orifício de grandes dimensões por onde entrou. Percorreu um túnel com uma dimensão em altura equivalente a uma pessoa (cerca de 1,65 m) e largura também não muito ampla (pouco inferior a 1 m). No pavimento situava-se uma caleira. Com as obras ocorridas na década de 10 do século XXI, tais vestígios foram entaipados.

²⁶ Foi gentilmente cedida pelo Arqueólogo Dr. Panayotis Sarantanpoulos.

²⁷ Se a água provinha do Aqueduto da Água da Prata por alguma derivação, não temos meios de demonstrar, sendo para tal necessário efetuar escavações arqueológicas.

mesmo continha uma nora, com engenho, e em fase mais tardia com dois engenhos. Atualmente essa estrutura hidráulica desapareceu, tendo sido demolida para dar lugar à estrada que passa defronte do mesmo.

De relevância a cisterna existente no claustro, cuja profundidade é de cerca de 6,40 m, em que o nível da água tem 80 cm de altura. De salientar alguns pontos de água existentes no convento, quer no antigo refeitório, quer num espaço anexo à sacristia, como podemos aferir das figuras 17-20.



Figs. 17, 18, 19 e 20 – Vistas do lavabo situado no antigo refeitório e de um lavabo que se encontra num espaço anexo à sacristia.

No que respeita à utilização de água e de obras relacionadas com os pontos de água distribuídos pelo convento e cerca, encontram-se algumas referências a obras realizadas numa nora ou noras existentes nos limites da/das cercas do convento, incluídas no Livro das Obras do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de 1745²⁸. Nesta obra estão também referenciadas obras realizadas no cano do aqueduto da Água da Prata²⁹. Pelo que se pode observar quer o aqueduto e respetivo cano, quer a nora foram sempre alvo de reparações que quase poderíamos dizer periódicas (Fig. 18). De maior monta, naturalmente quando a cidade foi alvo dos danos provocados pelas guerras com os espanhóis³⁰ e posteriormente com as invasões francesas, divididas por três levas³¹. A figura 21 mostra uma possibilidade de abastecimento de água através da lagoa situada junto da Porta que tem esse mesmo nome.

4. Convento de S. José da Esperança ou Convento Novo

Este convento foi a última casa religiosa a ser construída em Évora, e por esse motivo ficou usualmente conhecido como Convento Novo (Figs. 23 e 24).

²⁸ Livro das Obras do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de 1745, compilado pelo Frei D. Jeremias Veccina, e gentilmente cedidas por este.

²⁹ Assim, no priorado de P. Fr. Jozé de S. Joaquim, após 1737, consta na listagem das obras por ele mandadas executar: “Fez de novo o cano, que vai da cozinha athe a sahida da Cerca [...]”, fl. 8. “Livros das Obras deste Convento de N Sra dos remédios da Cid. De Evora Anno 1745, compilado pelo Frei D. Jeremias Veccina. No priorado seguinte, de P. Rodrigo de Jesus M^a, na fl. 10, surge uma referência à nora: “huma roda e Calabre para a Nora [...]”. Na fl. 13 e no priorado de P. Fr. Gregorio da Expectação surge uma menção à nora: “Fez a caza da Nora com rodas e calabres [...]”

Em 1766, na fl 15 da *op. cit.* existe uma referência a obras profundas no aqueduto: “Fes de novo os aqueductos de fronte deste Conv.^o, e de pedra todos os canos, com suas abobadas por sima athé onde pudera ter fácil serventia p^a melhor se registarem, ficando os mais com as suas artes, a cuberto tudo de suas lajes, e calçada de pedra athé de fronte da botica, por arcos a canos de barro, athé descer ao repuxo, por onde entra na m^a botica, e paça ao claustro p^a todas as oficinas [...]”.

Em 1772, no decurso do priorado do P. Fr. Jozé de S. Bernardo novamente a nora é alvo de intervenção: “Mandou fazer todas as rodas da Nora.” fl. 17. Em 1775 é mandado comprar: “hù boy p^a a nora [...]”. Em 1784, P. Fr. António de S. João Baptista mandou: “comprar maus hums calabres p^a a nora.” fl. 20. Mais tarde em 1796, novas obras na nora, mandadas executar por P. Fr. Ignazio de Jesus Maria, por esta ter ardido: “Levantou e em madeirou o lagar, e Nora que tinhaõ ardido. Levantou os Muros em duas partes: Comprou dois calabres para a Nora; Eixo novo para a mesma.” fl. 21.

No triênio seguinte, 1796-99, sob a tutela de P. Fr. Bernardo de J.M.J. é feita obra nos canos: “Compozição dos canos da agoa”, fl. 21r. Seguiu-se o P. Fr. Manoel de S. Bernardo com diversas obras de entre as quais: “Arroda da Nora, e calabre para a mesma.” fl. 22.

No triênio 1803-05 com o P. Fr. Francisco da Conceição, são novamente feitas reparações no aqueduto: “[...] compôs os canso da Agoa em que mandou pôr telhois novos [...]”, fl. 23r. Entre 1808/11, estando à frente do convento P. Fr. Joze de Santa Comba, devido aos danos causados pelos franceses no convento e sua envolvente: “Por varias vezes mandou compor os canos d’Agoa e alguns pedaços de telhado.” Posteriormente entre 1814-17, P. Fr. Manoel das Chagas: “Retelhou a nora [...]”, fl. 25.

O prior que se seguiu, P. Fr. Patrício de Santa Maria: “Fez hum Engenho p^a a Nora, compoz o velho, e assim ficou a Nora trabalhando com dois engenhos [...]”, fl. 25.

³⁰ Do lado das confrontações com os espanhóis, temos o tumulto do Manuelinho de Évora, em 1637, precursor do movimento restaurador que viria a por fim ao domínio filipino (1580-1640), com a Revolta dos Conjurados que, a 1 de Dezembro de 1640, pôe fim à dinastia dos Filipes, em Portugal.

³¹ 1.^a Invasão, 1807, comandada pelo General Junot (1771-1813); 2.^a Invasão, 1809, comandada pelo General Soult (1769-1851), e 3.^a e última invasão, 1810, comandada pelo General Massena (1758-1817) e detido pelas Linhas de Torres, colocando um fim às Invasões Francesas, em Portugal.



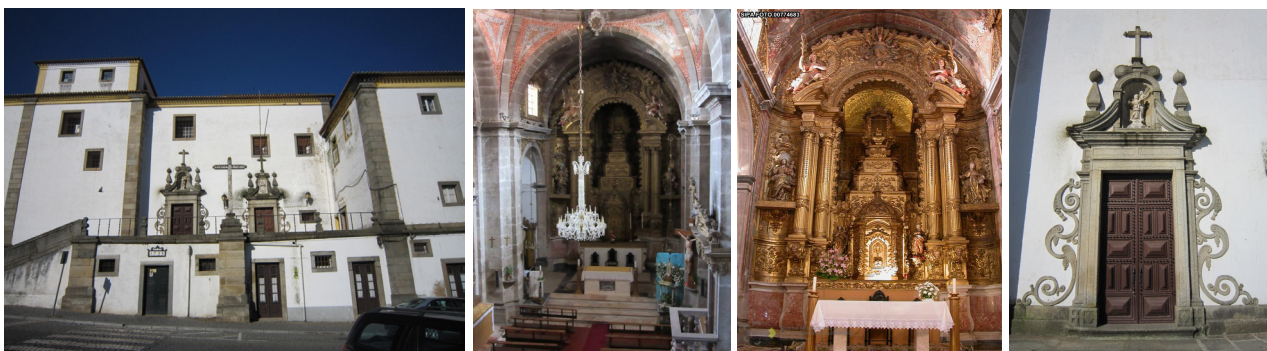
Figs. 23 e 24- Vista do Convento de S. José da Esperança e de uma planta de localização do mesmo, num mapa de cerca de 1750-90.

O convento, de freiras da Ordem das Carmelitas Descalças, foi fundado em 13 de Março de 1681. Tratava-se de um convento feminino da Ordem das Irmãs Descalças de Nossa Senhora do Monte do Carmo (Carmelitas) - Província de São Filipe. Deveu-se à vontade manifestada em testamento por D. Feliciano da Silva e posteriormente realizada por sua sobrinha D. Eugénia da Silva.³² A doação dos terrenos e habitação onde residiam estas donatárias foi realizada por escritura pública, em 1679.³³

Em 1681 ocorreu o início da construção do convento e sua clausura. Para tal deslocaram-se para Évora sete monjas provenientes dos Mosteiros de Canide e S. Alberto, ambos em Lisboa. Deu-se início à construção sob a égide de D. Fr. Luís da Silva (1691-1703) cerca de 1700³⁴ e mais tarde já cerca de 1720 com o patrocínio do Cónego António Rosado Bravo (?-1733). Desconhecem-se os autores do projeto deste cenóbio, mas a singeleza e severidade das fachadas³⁵ principais realizadasem arquitetura do período barroco atestam artistas experientes.

Foi realizada a construção do dormitório, e posteriormente em 1721 terminou-se a construção da portaria. Mais tarde foi efetuada a construção da Capela-mor da Igreja, em 1728 e no ano seguinte foi concluída a Sala do Capítulo.

O edifício, de arquitetura severa e despojada é da época barroca, e a sua volumetria apresenta-se muito maciça com fachadas caiadas de branco e onde sobressaem as molduras de todos os vãos existentes em granito da região (Figs. 25, 26, 27 e 28).



Figs. 25, 26, 27 e 28 – Vistas do exterior do convento e do interior da sua igreja.

Acende-se ao adro da igreja através de uma ampla escada em granito com doze degraus já que este

³² Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora*, VII, 1.º vol., Academia Nacional de Belas-Artes. Lisboa, 1966, p. 271.

³³ Idem.

³⁴ Idem, p. 272.

³⁵ Inseridas nas determinações da Ordem.

se situa a uma cota relativamente elevada, apresenta gradeamento e remates em ferro com elementos cilíndricos, e balaústres em granito.

Neste adro, rasgam-se os vãos dos portais da igreja e da portaria. Os telhados do conjunto conventual são de quatro águas, e a parte que cobre o transepto da Igreja é uma superfície quadrangular com a configuração de uma torre. Entrando no convento pela portaria, cujo portal é de estilo barroco joanino³⁶, depara-se com uma sala de planta retangular, revestida por lajes de granito, e cujas paredes são ornamentadas por lambrins de azulejos. Esta sala é coberta por abóbada de penetrações e arcos de volta perfeita. É nesta sala que se situa a entrada para a cisterna do conjunto (Figs.29, 30, 31). Adjacente situa-se a sala da irmã porteira, cuja porta ostenta uma placa com a data de 1723.



Figs. 29, 30 e 31 – Vistas do acesso à cisterna e do seu interior. Fonte: acervo pessoal.

Na proximidade destas salas situam-se outras de dimensões e ornamentação semelhantes. Como espaços de distribuição surgem dois claustros em torno dos quais se agrupam as diversas dependências do convento compostas pela portaria, o refeitório, a Sala do Capítulo e Quarto-capela.

Com localização anexa à da portaria e das salas anteriormente referidas, encontra-se um pequeno claustro de planta retangular, com três tramos de arcadas com arcos de volta perfeita em alvenaria. Para o lado esquerdo deste claustro confinante com a ala noroeste, situam-se as instalações sanitárias³⁷ (Figs. 32 e 33).

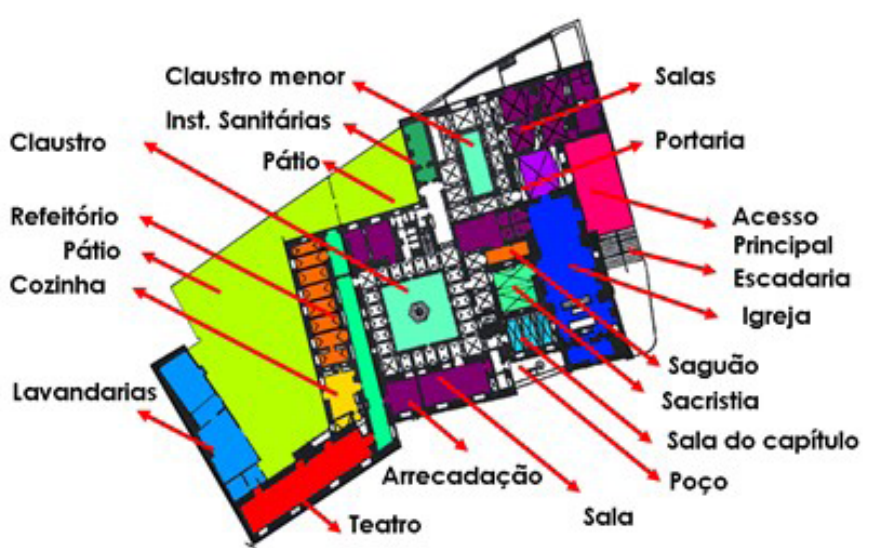


Fig. 32 - Planta do piso térreo do convento com uma distribuição provável da utilização dos espaços.

³⁶ Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora, VII, 1.º vol.*, Academia Nacional de Belas-Artes. Lisboa, 1966, p. 272.

³⁷ A época da sua construção é difícil de definir, mas existem muitas probabilidades de remontarem às intervenções realizadas em inícios do século XX quando o edifício sofreu adaptações para utilização da casa Pia Feminina.



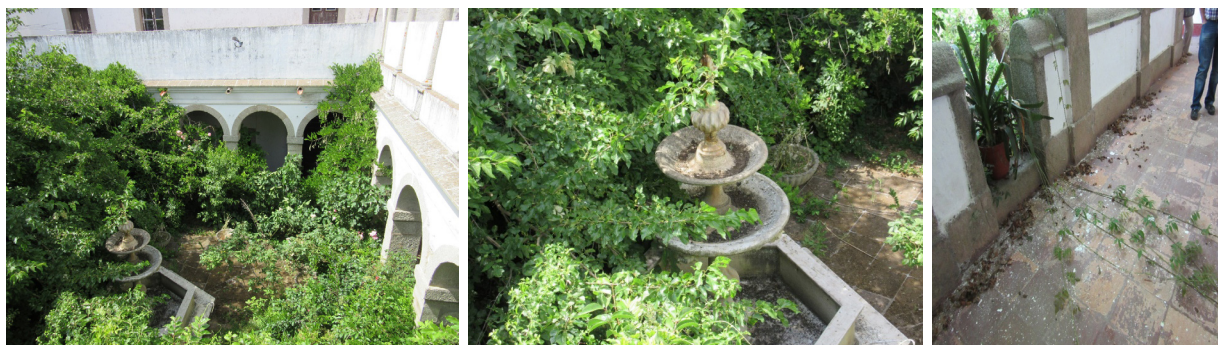
Fig. 33 - Planta do primeiro piso do convento com uma distribuição provável da utilização dos espaços.

Do lado da ala noroeste do claustro menor situa-se o claustro principal do convento. Apresenta planta quadrangular com cinco tramos de arcos de volta perfeita e molduras em granito. A sua construção remonta aos finais do século XVII ou inícios do século seguinte, apresentando semelhanças muito evidentes com as do claustro da ordem masculina, também ele localizado em Évora³⁸. Os claustros são de dois pisos, apoiados em arcos de volta perfeita, com pavimentos revestidos em tijoleira.

Ocupando o lugar central deste claustro surge uma fonte de mármore branco³⁹ (Figs. 34, 35 e 36), de configuração hexagonal constituída por duas taças (Figs. 37, 38 e 39). De salientar, ainda no claustro, em cada ângulo deste, situam-se quatro altares/oratórios não frontais entre si, de interesse pictórico mas em estado de degradação crescente.



Figs. 34, 35 e 36 – Algumas vistas antigas do claustro do convento, quando este ainda se encontrava em funções.



Figs. 37, 38 e 39 – Vistas atuais do claustro e da invasão progressiva de elementos vegetais.

³⁸ Trata-se do convento atrás referido, de Nossa Senhora dos Remédios, cuja construção antecedeu em algumas décadas a deste convento.

³⁹ Atualmente é muito difícil vislumbrar esta fonte porque todo o claustro se encontra infestado de elementos vegetais, desde que o convento se encontra devoluto.



Figs. 40, 41, 42 e 43 – Vistas de dois lavabos existentes no claustro, bem como da cozinha e de um ponto de água existente no pátio maior.



Figs. 44, 45 e 46 – Vistas do tanque da casa das lavagens, um pormenor de caleira, e um poço existente num espaço exterior adjacente à sala do capítulo.

Na ala sudoeste deste claustro existe um lavabo (Fig. 40). Desenvolvendo-se paralelamente a esta ala um longo corredor, onde se localizam um lavabo (Fig. 41) e a antiga roda. Esta encontra-se encimada por uma data, a de 1737. Com acesso por este corredor existe o refeitório, dependência de grandes dimensões e planta retangular. Adjacente ao refeitório encontra-se a cozinha de boas dimensões (Fig. 42) e planta também retangular, onde se salienta uma chaminé de dimensões muito significativas. Pela cozinha acede-se ao pátio (Fig. 43), (que funcionou como recreio da escola primária⁴⁰) que teria integrado a cerca do convento e fronteiro ao edifício anterior, fechando um dos lados do pátio, situa-se um outro edifício com a lavandaria (Figs. 44 e 45), e algumas construções de origem mais recente.

Axialmente ao corredor onde se situa a roda encontra-se um espaço de significativas dimensões cuja última função foi a de teatro. Apresenta planta retangular.

A Igreja, orientada no sentido noroeste-sudeste apresenta planta retangular de traçado austero. É coberta por abóbadas de berço e o transepto por uma cúpula semiesférica, ricamente pintada em fresco, e tem Coro-alto. À Igreja adossa-se a sacristia de planta retangular (Figs. 47, 48 e 49).

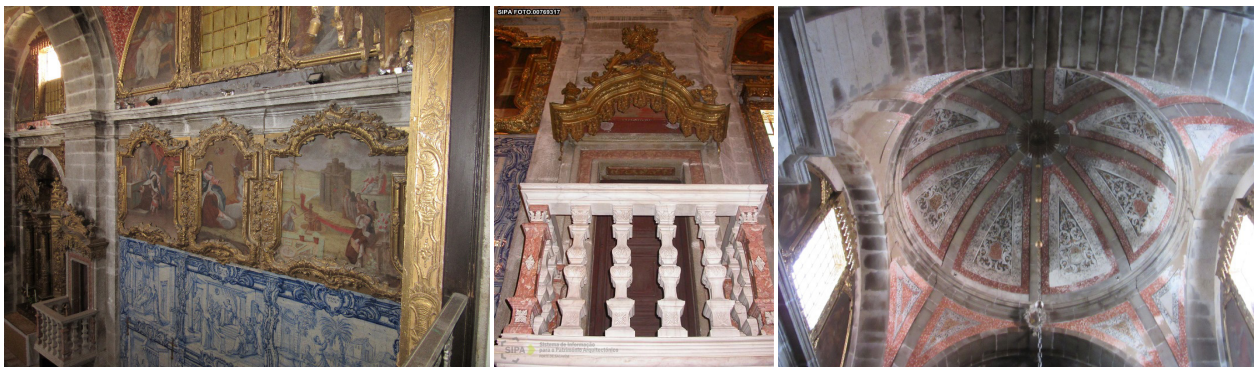
No decurso do século XVIII foram colocados lambrins de azulejos na Igreja e no último terço deste século foi realizada a construção dos altares da Igreja em talha pelo mestre entalhador João Luís Botelho.

Confinante com a Capela-mor da Igreja encontra-se a Sala do Capítulo cujo acesso se efetua através do claustro principal, e tem uma porta de acesso à Capela-mor⁴¹. Tem planta retangular com

⁴⁰ Deixou de estar em funcionamento em 2009.

⁴¹ Túlio ESPANCA no *Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora*, VII, 1.º vol., Academia Nacional de Belas-Artes. Lisboa, 1966, p. 273, refere que esta porta foi recentemente aberta (1966) e substituiu um antigo altar, entretanto desaparecido.

três tramos e é coberta por abóbada de penetrações. As paredes são revestidas por painéis azulejares, azuis e brancos. Anexo a este espaço encontra-se um pequeno saguão onde existe um poço⁴² e um tanque de pequenas dimensões (Fig. 46).



Figs. 47, 48 e 49 - Vistas do interior da igreja do convento e da sua abóbada semiesférica ricamente decorada.

No primeiro piso a que se acede por uma escada localizada na ala noroeste do claustro principal, encontram-se para a esquerda de quem chega, alguns espaços cujas funções podem ser admitidas como enfermaria a que se segue um saguão, a botica com vista para a enfermaria, e de seguida a rouparia⁴³ a que uma escada no rés-do-chão dá acesso direto.

Nas outras alas do claustro principal localizavam-se as celas e os dormitórios das freiras. Ladeando o claustro menor para o lado sudoeste situavam-se as instalações sanitárias (Figs. 50-53) em cuja antessala se encontra um lavabo com a data de 1765⁴⁴.



Figs. 50, 51, 52 e 53 – Algumas vistas das instalações sanitárias (prováveis antigas latrinas) com um lavabo datado de 1765.

Com a extinção do convento por morte da última religiosa, Madre Maria Teresa de São José em 1886, o conjunto conventual ficou devoluto e foi atribuído provisoriamente ao Batalhão nº 4 da Guarda-Fiscal. Mais tarde em 1889 por determinação de Carta de Lei, o imóvel foi cedido à Casa Pia. Em inícios do século XX (1904) o edifício passou a ser ocupado pela secção feminina da Casa Pia que repartiu o espaço com o Asilo da Mendicidade até 5 de Outubro de 1919. Nos anos quarenta desse século foi ocupado pelas Religiosas da Ordem Salesiana até 2008, altura em que as irmãs salesianas deixaram o imóvel. O conjunto encontra-se devoluto, mantendo-se a Igreja ainda em utilização nas homilias semanais.

Este conjunto conventual, por se encontrar devoluto apresenta já as marcas de uma degradação significativa, tal como a invasão dos elementos vegetais do claustro que já se estendem pelos pavimentos

⁴² Atualmente entaipado.

⁴³ O espaço que se designou por rouparia tem planta quase quadrangular, e encontra-se mobilada por grandes arcazes de madeira a que se sobrepõem armários a toda a volta da dependência.

⁴⁴ Pela sua localização e pela data que se encontra no lavabo pode-se inferir que as antigas latrinas das freiras se tenham situado neste local.

do mesmo. A utilização do imóvel por pombos com os consequentes detritos que se acumulam pelos pavimentos dos claustros e outras divisões do espaço, contribuem para a sua degradação, uma vez que estes excretam os metabolitos nitrogenados sob a forma de ácido úrico, corrosivo, para além do perigo que acarreta para a saúde pública. Os pátios invadidos também por vegetação, e todos os sinais de decadência que qualquer imóvel que não se encontre ocupado apresenta.

5. Aqueduto da Água da Prata, e, abastecimento às referidas casas religiosas



Figs. 54— Mapa de 1750-90 já referenciado, com a marcação do percurso do aqueduto da Água da Prata. Indicada a derivação para o Convento de S. José da Esperança.

O Aqueduto da Água da Prata foi mandado edificar por D. João III (1502-1557), para abastecimento de água à Cidade de Évora, em 1531 (Fig. 54). Cidade que com deslocação da corte para a mesma viu o seu desenvolvimento e expansão serem substancialmente aumentados. Com este acréscimo populacional significativo tornou-se necessário um melhor abastecimento de água à cidade.

Esta construção melhorou as condições de sanidade da cidade que tal como outras na mesma época eram penalizadas pela falta de água e epidemias que frequentemente as dizimavam em números muito expressivos.

O Aqueduto da Água da Prata cujo início ocorreu em 1531 foi concluído em 1537. Obra da traça de Francisco de Arruda apresenta troços de aspeto imponente que marcam a paisagem alentejana, percorrendo a mesma durante cerca de 18 km. É a partir deste aqueduto que vão ser abastecidas as casas religiosas em estudo (Figs. 55-57).



Figs. 55, 56 e 57 – Vistas do aqueduto no Largo do Chão-das-Covas, nas traseiras do convento e de um troço de aqueduto na Rua do Muro.

6. Convento Novo – abastecimento de água ao cenóbio

Em 1681 foram concluídas as obras principais do convento, dando-se início à clausura do mesmo. Mais tarde, em 1694, foi solicitada pelas freiras e outorgada a primeira porção de água do Aqueduto da Água da Prata (Fig. 58). Essa porção era correspondente a uma pena de água⁴⁵.

⁴⁵ Alvará porque sua Mag. fez merce do convento Novo de S. Joseph de huã pena da agoa dos canos da agoa da prata. Regimento do Aqueduto da Água da Prata, 1606, foll XXXXXI vº. XXXXXII e vº (C.M.E.), in Maria Filomena MONTEIRO, *O Aqueduto da Água da Prata em Évora. Bases para uma Proposta de Recuperação e Valorização*. Policopiado, 1995. “[...] E porque o Cano Real della passa por arcos levntados/avista deste convento se fara uma arca sobre um deles aonde mais conveniente/ for acusta do ditto convento, em aqual se sentará um registo de bronze de/três palmos na forma geral do Regimento pelo Mestre da obra do canno, as/sim de maneyra de Arca donde sai a agoa que vay para a fonte publica/ da prasa da porta nova. E da ditta arca que de novo se fizer irá a ditta agoa por canno fechado por baxo do cham pera o ditto Convento sem prejui/zo a portagem, Ruas e Vezinhos dellas e sucedendo haver esterilidade de a/goa se lhes dará somente de noite tudo na forma por mim ordenado, para os/demais donatários; ...Alvará da Prioressa, e Relligiosas carmelitas descal/ças do Convento de S. Joseph da Cidade de Évora [...]”. Em 20 de Julho de 1694.

Com o crescimento da comunidade tornou-se notória a necessidade de uma maior quantidade de água. Nova pena de água é concedida às freiras em 9 de Maio de 1703⁴⁶. É construída um caixa de água que serviria para regularizar o caudal⁴⁷.



Fig. 58 – Planta esquemática mostrando o aqueduto e a sua ligação ao Convento de S. José da Esperança.

A distribuição interna da água (Fig. 59) processava-se de uma forma bastante racional que dispunha de diversos pontos de água no piso térreo, entre eles os lavabos, a fonte do claustro e não de menor importância a cisterna, que se localiza na portaria, apresentando dimensões consideráveis e cujo nível de profundidade se situa a 7,60 m, sendo que a água chega a uma altura de 3,95 m⁴⁸.



Fig. 59 – Esquema da possível distribuição de água ao Convento de S. José da Esperança.

⁴⁶ Alvará por q. S. Mag.e faz mercâ ao convento de S. Joseph de huma pena de mais daquetem – Regimento do Aqueduto da Água da Prata, 1606, foll XXXXXI vº. XXXXXII e vº (C.M.E.), in Maria Filomena MONTEIRO, *O Aqueduto da Água da Prata em Évora. Bases para uma Proposta de Recuperação e Valorização*. Policopiado, 1995. “[...] e que tendo feito a arca pª se encaminhar para/o ditto convento se achaua acorrenta tão lemitada q não remedeia anece/cidade delle, e por serem umas religiosas pobre e não necessitarem so da ditto/agoa mas também pª lavagem dos seus hábitos me pediao lhes fizesse merce/de lhes conceder outra penna de água...”

⁴⁷ Idem, in Maria Filomena MONTEIRO, *O Aqueduto da Água da Prata em Évora. Bases para uma Proposta de Recuperação e Valorização*. Policopiado, 1995, p. 69. “É a partir dela que existiria uma prumada de água ligada a uma caixa subterrânea cuja cota de fundo estaria relacionada com a cota de chegada ao convento. Esta caixa subterrânea, embora não se conheça, seria necessária para regularizar o caudal, visto existir uma grande diferença de cotas entre os dois pontos extremos, e se saber que o canal condutor não era suportado por arcaria.”

⁴⁸ Fez-se a medição da profundidade da cisterna para obter uma noção da sua dimensão. Através da observação do acesso à mesma foi perceptível um alargamento do acesso, para permitir a introdução de uma escada para limpeza da mesma. Pode também constatar-se a sua significativa dimensão e profundidade.

A Caixa de Água do Largo do Chão das Covas é constituída por uma construção bastante monumental, com um pequeno edifício central ladeado por duas pequenas construções. A construção principal é a escada de acesso ao aqueduto, de um só lanço, que termina sobre um passadiço assente sobre o canal. Termina nas duas caixas de água situadas lateralmente às escadas.

A de menor dimensão funcionava como registo ao Convento Novo⁴⁹, a outra permitia o abastecimento ao chafariz e lavadouro. A fonte permitia o abastecimento de água aos bairros da Porta de Avis e Mouraria.

Em 1701, tal como se pode ver inscrito na parede, foram executadas obras de vulto, de que são desconhecidos detalhes.

Existiram tanques, que devido a intervenções recentes, foram removidos devido à reedificação do conjunto.

7. Conclusões

Os dois conventos que foram objeto de estudo apresentam características específicas e diferenças que se consubstanciam na dimensão dos espaços, interiores e exteriores. O cenóbio masculino tinha uma área construída de menores dimensões que o convento feminino. No entanto no que respeita aos espaços da Cerca, a do Convento dos Remédios é de dimensão substancialmente maior, visto tratar-se de um conjunto implantado fora do recinto amuralhado da cidade, e por essa razão com maiores possibilidades de expansão. O Convento de S. José da Esperança, implantado dentro da malha urbana intramuralhas era relativamente pequeno, por falta de espaço para se expandir.

Ambos os casos de estudo têm espaços físicos de muita qualidade arquitetónica, e um acervo de imagens, pinturas e talhas douradas dignas de nota.

No que respeita ao sistema de distribuição de água, não pode afirmar-se existir uma hidráulica de cariz especificamente Carmelita. Podemos apenas dizer que as necessidades básicas de abastecimento de água, através ou não do aqueduto da Água da Prata (Figs. 60 e 61), procuraram ser o mais racionais e funcionais possíveis, contribuindo para uma boa higienização e qualidade de vida das comunidades nelas instaladas.



Fig. 60 – Esquema da possível distribuição de água ao Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Piso térreo.

⁴⁹ Túlio ESPANCA, "A Cidade de Évora" Boletim da Comissão Municipal de Turismo, 7-8, Ano II, Junho-Setembro, 1944, p.107: "Destas importante obras de utilidade e saneamento publico, iniciadas no fim do século XVI, resultou a construção dos lavadouros do largo do Chão - das - Covas, com três tanques que tornavam muito doentio o local de que, na atualidade não existem vestígios, apenas subsistindo a caixa de condução de águas e a galleria subterrânea para as freiras carmelitanas de S. José."

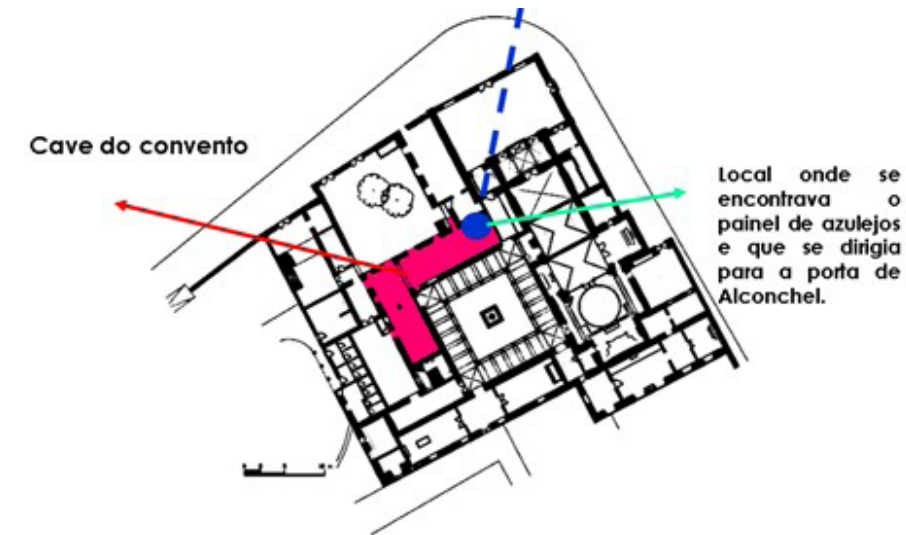


Fig. 61 – Esquema da possível distribuição de água ao Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Cave do edifício.

8. Bibliografia

Gaston DUCHET-SUCHAUX; Monique DUCHET-SUCHAUX. *Les ordres religieux, guide historique*. Paris: Flammarion, 1993, 2000.

Padre Francisco da FONSECA, *Évora Gloriosa*. Roma: Oficina Komarekiana, 1728.

Claire LESEGRETAIN. *Les grands ordres religieux, hier et aujourd'hui*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1990.

Fr. Belchior de S. ANNA, *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas conquistas...* / Lisboa, Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657, Tomo I.

Fr. João do SACRAMENTO, *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas conquistas...* / Lisboa, Na Officina Ferreyrenciana, 1721, Tomo II.

Fr. Joseph de Jesus MARIA, *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas conquistas...* / Lisboa, Na Officina de Bernardo António de Oliveira, 1753, Tomo III.

Fr. Manuel de S. Bento, *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas conquistas...* / Lisboa, 1800, Tomo IV.

Maria Filomena MONTEIRO “O Aqueduto da Água da Prata em Évora. Bases para uma proposta de recuperação e valorização.”. Policopiado, 1995.

Sociedade para a Preservação do Património Construído. Que utilização para o Património construído? Évora: Sociedade para a Preservação do Património Construído, 1996.

Túlio ESPANCA, *Évora – Arte e História*. Câmara Municipal de Évora, 1987.

Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal*, VII, 1.º vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966.

Túlio ESPANCA, “Património Artístico Municipal – O Aqueduto da Água da Prata” in “A Cidade de Évora”, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, Ano II, Junho- Setembro, 1944

Túlio ESPANCA *Património Artístico Municipal: Convento de Nossa Senhora dos Remédios*, in “A Cidade de Évora”, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, n.º 5, Dezembro de 1943.